"Público" 10 abril 2020

Acção Paralela

António Guerreiro

"O pior ainda está por vir"



Nestes tempos de virulência, coube a um certo jornalismo (sobretudo, mas não exclusivamente, aquele praticado entre nós pelos vários canais de televisão) assumir um papel de vanguarda na lógica viral. "O pior ainda está por vir", dizia há dias um apresentador de um jornal televisivo ao introduzir uma breve reportagem sobre os efeitos do Covid-19 em Nova Iorque. Dia após dia, a volúpia do pior apoderou-se desta vanguarda jornalística que vive o seu grande momento: aquele em lhe é dado fazer o relato dos últimos dias da humanidade. Os andamentos destas peças jornalísticas em modo repetitivo estão codificados: começam em andamento grave, alternando às vezes, nos melhores dias, com um *allegro ma non troppo*, passam depois para um *adagio* e acabam num *alegricissimo*, isto é, com a exibição de divertidos vídeos domésticos de gente confinada mas bem humorada, para anestesiar os espectadores siderados.

Neste jornalismo, há sempre muitos números, muitas tabelas, muitos gráficos, linhas curvas que desenham montanhas e planaltos, que configuram projecções verticais e horizontais, ora a subir, ora a descer. Por estes dias, os grandes adjuvantes deste jornalismo dos últimos dias da humanidade não foram os virólogos e os infectologistas, mas os matemáticos e os cientistas da estatística, que antecipam de ciência certa o que se vai passar. Tem sido um grande momento para surgirem à luz os matemáticos alucinados, em conluio com o jornalismo do fim do mundo. Tão virulenta como a outra, tem sido a epidemia dos números que este jornalismo nos transmite como um instrumento da profilaxia (enquanto reveladores da "verdade" e sinalizadores de uma mobilização total), sem se importar com o que há neles de asfixia de qualquer outra forma de informação. A esta obsessão numérica corresponde a ausência de palavras das vítimas, que morrem mudas e sós. Isto dos números, há para todos os gostos e necessidades. Sem querer relativizar a gravidades desta epidemia, vou buscar o dado que nos informa que dois milhões e meio de pessoas morrem de infecções respiratórias todos os anos. A oitava praga do Egipto, o Apocalipse, no momento em que escrevo (terça-feira), tem a dimensão de 70 mil mortes. E por falar em números e em estatísticas devemos também saber que, em Itália, desde a eclosão da epidemia, desceram em cerca de 50% o número de pessoas hospitalizadas por enfarte. Nos tempos que correm, mais depressa nos salvamos do Covid-19 do que de uma apendicite

Sem mais conhecimentos nestas matérias do que os adquiridos agora, através de algumas leituras esparsas, não saberia formular argumentos contra o confinamento a que fomos sujeitos. Em boa verdade, sendo esta uma situação completamente nova, ninguém sabe quais são as decisões mais seguras. Mas sei, isso sim, que, se o planeta foi encerrado por algumas semanas (ou meses, ainda não sabemos), não estamos por isso obrigados a pôr a atitude crítica de quarentena e a nem reparar que, sendo a situação excepcional, a informação poluente que as televisões nos fornecem é uma épica exacerbação desta excepcionalidade que deixa as pessoas sideradas de terror, rendidas ao estribilho: "o pior ainda está por vir". Até ao momento em que os números entram noutra ordem de progressão e a matemática começa a calcular já não o movimento inflacionário, mas a curva deflacionária. Mesmo os defensores mais radicais deste confinamento sabem muito bem que ele serve não para deter a epidemia, mas para prolongá-la no tempo, de modo a que os sistemas de saúde não colapsem (o preço a pagar por isso é que todo os recursos se concentram em torno da epidemia e todas as outras causas de morte têm campo livre para avançar) e que se dê tempo para a descoberta de uma vacina; e sabem muito bem que se a epidemia for detida pelo confinamento quando uma fraca percentagem da população foi afectada, então o mais provável é que o vírus regresse e haja uma segunda vaga de contágios. Os virólogos sabem isto muito bem, sabem como é que um vírus acaba por se tornar a-virulento e como é preciso "negociar" com ele até que ele se torne pacífico. Mas a virulência deste jornalismo dos últimos dias da humanidade, animado pela obsessão da imunidade total, ninguém sabe como detê-la. Devemos recear que as decisões políticas sejam muito mais determinadas por esta virulência jornalística do que pela ciência.